

Quem ri de quem na comédia aristofânica? Diceópolis ri de Lâmaco em *Acarnenses*

Ana Maria César Pompeu²⁶³

O objetivo do presente estudo é identificar o ridículo e o seu espectador na comédia aristofânica *Acarnenses*, que traz uma proposta de poética do gênero cômico, quando se defende da acusação de falar mal da cidade diante de estrangeiros na comédia do ano anterior (*Babilônios* de 426 a.C.). A comédia também conhece a justiça e tem a missão de ensiná-la aos cidadãos atenienses – é a mensagem do poeta falando através do protagonista Diceópolis (Cidade Justa) e na parábase através do coro de acarnenses. Antes da análise sobre Diceópolis rindo de Lâmaco na peça, faremos uma leitura da proposta de Platão e Aristóteles acerca do ridículo.

O ridículo em Platão e Aristóteles

Sócrates, no *Filebo* de Platão²⁶⁴, discutindo acerca dos prazeres mistos de dor, fala sobre a comédia, no momento em que procura conhecer a natureza do ridículo, que associa ao que se opõe radicalmente à inscrição de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Aqueles que não se conhecem em absoluto se sujeitam a três tipos de ignorância: quanto à riqueza, por se imaginarem mais ricos do que são; quanto ao corpo, por se julgarem mais belos e maiores do que são na realidade; e, em muito maior número, quanto aos bens da alma, por se considerarem mais virtuosos do que os outros. Tentemos relacionar tais prazeres aos seus correspondentes descritos no livro II da *Arte retórica*, e com o que sugere Aristóteles sobre o prazer próprio da Comédia na *Arte poética*.

No *Filebo* (47 a – 50 e), Sócrates tendo examinado os prazeres mistos de dor, em que se confundem apenas as excitações comuns do corpo, por dentro e na superfície, e aqueles onde a alma se afirma em oposição ao corpo, propõe mais uma mistura, aquela em que apenas a alma sente: cólera (*orgé*), temor (*phóbos*), vontade (*póthon*), tristeza (*thénos*), desejo (*éros*), emulação (*zêlos*), inveja (*phthónos*) e tudo o mais do mesmo gênero. Nas representações trágicas, os espectadores choram alegrando-se, enquanto nas comédias também ocorre um misto de prazer (*hedoné*) e dor (*lýpe*) na nossa alma, mas não é muito fácil explicar o que se passa conosco em tais circunstâncias. Sócrates tomará então o que é mais obscuro (*sko-*

263 Professora Doutora – Núcleo de Cultura Clássica da UFC.

264 PLATÃO. *Filebo*. In: ----- *Diálogos. Vol. VIII: Parmênides – Filebo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1974.

teinóteron), para facilmente observar tal mistura em outros lugares. A inveja, por exemplo, é uma dor da alma, mas a verdade é que o invejoso se nos revela contente com os males do próximo. A ignorância é também um mal e o que denominamos estupidez. A partir desses preliminares, Sócrates procura conhecer a natureza do ridículo (*tò geloïon*), que é, em resumo, uma espécie de vício (*poneria*) que tira o nome de um hábito particular, a parte do vício em geral que se opõe radicalmente ao preceito “Conhece-te a ti mesmo”, isto é, não conhecer-se em absoluto.

Quem não se conhece fica sujeito às três modalidades de ignorância já referidas acima. Tal estado da alma é um mal. Deve-se fazer mais uma divisão, para se apanhar a natureza pueril do ridículo: Todas as pessoas que concebem tolamente essa opinião falsa a seu próprio respeito ou são dotados de força e poder ou são fracas e incapazes de vingar-se, quando são objeto de riso. Estes são, portanto, ridículos, porém os que têm capacidade de vingar-se são os fortes e temíveis como inimigos, pois a ignorância nos poderosos é hostil e torpe, por ser nociva ao próximo, ou por si mesma ou por suas imitações.

Examinemos a potencialidade da inveja. Há prazeres e dores injustos, mas não será manifestação de inveja e injustiça alegrar-se com os males dos inimigos, no entanto, na presença de algum infortúnio de pessoas amigas, é injusto alegrar-se em vez de entristecer-se. Quando rimos, alegramo-nos, e alegrar-se com o mal do amigo é produto da inveja. Logo, sempre que rimos do ridículo dos amigos, misturamos prazer com dor, pois a inveja é dor da alma, e o riso é prazer, vindo ambos a reunir-se no presente contexto. Portanto, nas lamentações, nas tragédias e comédias, e não apenas no teatro como também na comédia e na tragédia da vida humana e em muitas coisas mais, os prazeres e as dores andam sempre associados.

Na *Retórica II* de Aristóteles²⁶⁵, encontramos a definição de indignação (*tò nemesân*) como sendo contrária à compaixão (*tò eleeîn*), e a inveja (*ho phthónos*) sendo próxima à indignação, mas contrária em um ponto importante, é de certo modo também o inverso da compaixão, pois em ambos os estados de alma a compaixão é distanciada de nós. Examinemos o texto. Com efeito, a dor que se sente pelas desgraças imerecidas de outrem, a compaixão, é de algum modo o contrário, embora provenha do mesmo caráter, isto é, de um natural honesto, da dor que se sente diante dos êxitos imerecidos, a indignação. É injusto aquilo de que nos beneficiamos sem merecimento, por isso atribuímos aos deuses a indignação. A inveja também se opõe à compaixão, sendo possível pensá-la como vizinha e a mesma que a indignação, mas é outra. A inveja é também uma dor que perturba diante do êxito, mas não do imerecido, porém do igual e do semelhante. Em tais sentimentos

265 ARISTÓTELES. *Arte Retórica*. In: ----- . *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas Jean Voilquin e Jean Capelle. Estudo introdutório de Godoffredo Telles Júnior. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

de indignação e inveja não pode entrar o interesse pessoal, mas devem ser sentidos somente em relação ao próximo, do contrário eles não existiriam, mas tudo se limitaria ao temor (*ho phóbos*), se a dor e a perturbação fossem causadas pela apreensão de que, da felicidade de outro, resulte para nós algo ruim.

Desse modo a compaixão e a indignação são sentimentos justos e causam prazer ao homem de bem, pois necessariamente esperamos alcançar para nós o que acontece a nosso semelhante. Estes sentimentos provêm do mesmo caráter; e seus contrários, de caráter oposto. O mesmo homem que se alegra com o mal dos outros e é invejoso, entristecendo-se com as vantagens que o outro alcança, sentirá prazer, vendo que o outro é privado destas mesmas vantagens ou as perde. Todos estes sentimentos são úteis para impedir que a compaixão se manifeste.

Na *Poética* (1449a), Aristóteles²⁶⁶ dá a definição da comédia:

é ... imitação de homens inferiores (*phaulotépon*); não, todavia, quanto a toda espécie de vícios (*kakian*) mas só quanto àquela parte do torpe, (*toû aiskhrôû*) que é o ridículo (*tò geloïon*). O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina indolor e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem <expressão de> dor.

Ora no *Filebo*, Sócrates faz o exame da natureza do ridículo “que é em resumo uma espécie de vício (*poneria*), a parte do vício em geral que se opõe radicalmente ao preceito délfico “Conhece-te a ti mesmo”, isto é, não conhecer-se de modo algum. E acrescenta a natureza pueril (*paidikón*) do ridículo: todas as pessoas que concebem tolamente as referidas opiniões falsas a seu próprio respeito podem ser fortes ou fracas, mas somente as fracas e incapazes de vingar-se, quando são objeto de riso, é que são ridículas, isto é, as fortes ignorantes são hostis e torpes por serem nocivas ao próximo. Semelhantemente, vemos na *Poética* “torpeza anódina e inocente”, para o ridículo.

Platão e Aristóteles concordam quanto à natureza do ridículo, mas, ao que parece, são contrários quanto ao sentimento despertado pelo ridículo. Platão nos diz claramente que se trata de inveja, logo, de um mal da alma, uma dor da alma; já Aristóteles não nos diz claramente do que se trata, no entanto, tentemos inferir algo a partir de suas observações quanto ao prazer próprio da comédia. Ao tratar da composição trágica, na *Poética* 1453 a, ele afirma que as mais belas tragédias são as que terminam no infortúnio (*eis dystykhian*), pois estas se mostram, nos

266 ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. In: -----, *Ética a nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

concursos dramáticos, as mais trágicas (*tragikótatai*). Em segundo lugar, estão as de dupla intriga, que oferecem opostas soluções para os bons e os maus. Elas não merecem, segundo ele, o primeiro lugar, pois o prazer que resulta deste gênero de composição é mais próprio da comédia, que torna amigos os que são, no mito, inimicíssimos, e nenhum deles é morto um pelo outro. Atribuir opostas soluções aos bons e aos maus não parece ser próprio de um sentimento de inveja, mas sim de indignação, que vem de um caráter justo, que observa o mérito das personagens boas ou más. E o não haver destruição, mas amizade e concórdia também não é próprio de um caráter invejoso.

Vemos que no *Filebo*, Platão não utiliza a distinção do mérito por bondade ou maldade, mas sim de amizade e inimizade. Aristóteles, na *Retórica*, estabelece a diferença entre inveja e indignação a partir do critério da observação do mérito, logo, da justiça ou não de julgamento. Ele também deixou estabelecida a ausência de temor tanto na indignação quanto na inveja, distanciando ambos do prazer trágico, que envolve temor e compaixão. No entanto, ao que parece, Platão quis apanhar apenas a parte do ridículo que causa dor, misturada ao prazer, o rir da ignorância de um amigo é manifestação de injustiça, inveja. Mas o riso da comédia não é apenas desse gênero, como vimos com Aristóteles, pois há o prazer de conceder uma solução boa e ruim aos bons e maus respectivamente, mais próximo à liberação de uma indignação por causa de uma injustiça, se concedermos que o prazer da comédia seria o riso catártico ou libertador de tais sentimentos de inveja ou indignação.

Diceópolis ri de Lâmaco em *Acarnenses*

O protagonista Diceópolis representa a cidade justa e partidária da paz, enquanto Lâmaco (Grande Batalha) é o partidário da guerra e vem em socorro da metade do coro de acarnenses aldeões do demo ateniense de Acarnes, que não se convenceu com a justificativa do herói para a sua paz particular com os peloponésios inimigos de Atenas. Há o *agón* entre os dois e teremos a vitória de Diceópolis, convencendo, dessa vez, a metade restante do coro que passa para o seu lado.

LÂMACO: De onde vem o grito de guerra que ouvi?

Aonde devo levar socorro? Aonde devo lançar o tumulto?

Quem despertou a Górgona do armário?

DICEÓPOLIS: Ó Lâmaco, herói dos penacho e dos bataião²⁶⁷.

CORO: Ó Lâmaco, acredita que este home faz é tempo

267 Tradução nossa e inédita. As falas dos camponeses foram adaptadas ao estilo matuto do nordeste brasileiro.

Que insulta a nossa cidade todinha?
LÂMACO: Tal coisa, tu, mendigo²⁶⁸, te atreves a dizer?
DICEÓPOLIS: Ó Lâmaco, ó herói, me perdoe,
Se sendo mendigo disse alguma bobage.
LÂMACO: E o que foi que tu disseste de nós? Não vais falar?
DICEÓPOLIS: Nem sei mais o que foi.
Tô é arrepiadim de medo das arma.
Mas, por favô, afasta de mim esta marmota.
LÂMACO: Taí.
DICEÓPOLIS: Vira ela de costa pra mim.
LÂMACO: Está virada.
DICEÓPOLIS: Vaí, me dá a pena do teu elmo.
LÂMACO: Taí a pluma.
DICEÓPOLIS: Segura a minha cabeça,
Que eu vou vomitá. Tenho é nojo desses penacho aí.
LÂMACO: Tu vais fazer o quê? Com a pluma vais vomitar?
Pois é uma pluma...
DICEÓPOLIS: Diz aí, então, de qual
Pássaro é? É do fanfarrice?
LÂMACO: Infeliz tu vais morrer!
DICEÓPOLIS: De jeito nenhum, ó Lâmaco.
Num tem nada a vê cum força; e se tu é forte
Por que num tem o pau pelado? Tu tá é cheim de arma.
LÂMACO: Assim, tu mendigo, falas do general?
DICEÓPOLIS: E eu sou um mendigo?
LÂMACO: Então quem és tu?
DICEÓPOLIS: Quem? Sou um cidadão honesto, não
um corre-atrás-de-cargo,
Mas desde o começo da guerra, sou um soldado-de-raça,
E tu, desde o começo da guerra, é um pega-salário-de-cargo²⁶⁹.

Após a parábase, assistiremos à satisfação do protagonista com a sua paz particular em suas benesses e a insatisfação do antagonista com a sua guerra em seus males. Será nesse contexto que observaremos que Diceópolis ri de Lâmaco,

268 Diceópolis pediu emprestadas as vestes esfarrapadas do rei Télefo da tragédia homônima de Eurípides, por tal herói ter precisado se disfarçar de mendigo para pedir clemência aos seus inimigos. Do mesmo modo Diceópolis queria conquistar a clemência do coro de acarnenses.

269 *Acarnenses*, v. 572-597.

ao fazer paródia primeiro das armas e material levado para a guerra por Lâmaco, que foi chamado para defender Atenas de um ataque do inimigo, apresentando em seu lugar os materiais de um banquete a que foi convidado pelo próprio sacerdote de Dioniso: a Festa dos Cângios.

CORO: E esse aí vem de sobranceias franzida

Parece que pra dá uma notícia rúim tem pressa.

ARAUTO: Ai dos sofrimentos, das batalhas e dos Lâmacos!

LÂMACO: Quem faz ruídos ao redor destas mansões de bronze?

ARAUTO: Que tu vás hoje mandam os generais

Bem depressa e tome os batalhões e os penachos.

E em seguida vá vigiar na neve as fronteiras,

Pois nas festas dos Cângios e das Marmitas pra eles alguém

Avisou que ladrões beócios vão assaltar.

LÂMACO: Ai generais mais quantidade do que qualidade!

Que absurdo eu não poder nem participar das festas!

DICEÓPOLIS: Ai exército guerra-lamaquense!

LÂMACO: *Ai como sou desgraçado! E tu agora ris de mim*²⁷⁰?

DICEÓPOLIS: Tu qué lutá, Gerião, com quatro penas?

LÂMACO: Ai ai!

Ai ai da notícia que me anunciou o arauto.

DICEÓPOLIS

Ai ai! E o que pra mim corre aquele ali pra anunciá?

SERVO DO SACERDOTE DE DIONISO

Diceópolis!

DICEÓPOLIS

Que é?

SERVO DO SACERDOTE DE DIONISO

Pr'o jantar depressa

Anda e toma a cesta e o cângio:

Pois o sacerdote de Dioniso mandou te chamar.

Mas te avexa; o jantar tá atrasado por tua causa.

E as outras coisas tudim já tão preparadas,

Leitos, mesas, almofadas, mantas

Coroas, perfumes, guloseimas, as prostitutas tão lá,

Tortas, bolos, pãezinhos de gergelim, broinhas de mel

Danças, as cantigas “Querido Harmódio”, umas belezuras.

Mas te avexa logo!

270 Destacamos as expressões sobre o ridículo.

LÂMACO: Como sou desgraçado!

DICEÓPOLIS: Mas também tu pintou aí uma gorgonzona!

Fecha a porta aí, e alguém prepara aí o jantá!

LÂMACO: Rapaz, rapaz, traz aqui fora o alforge pra mim!

DICEÓPOLIS: Rapaz, rapaz, traz aqui fora a cesta pra mim.

LÂMACO: Sal preparado com tomilho traz aí, rapaz, e cebolas.

DICEÓPOLIS: E pra mim traz pedaços de peixe, pois cebola me faz é mal.

LÂMACO: Uma folha de figueira de conserva estragada traz aqui, rapaz.

DICEÓPOLIS: E pra mim tu traz uma foia de figueira de toicim; por lá eu asso.

LÂMACO: Traz aqui as duas penas do meu elmo.

DICEÓPOLIS: Pra mim traz os pombo mermo e também os tordo.

LÂMACO: Que bela mesmo e branquinha a pena da avestruz!

DICEÓPOLIS: Que bela mermo e douradinha a carne do pombo!

LÂMACO: *Ó homem, pára de rir das minhas armas!*

DICEÓPOLIS: Ó home, tu qué num oiá pr'os meu tordo?

LÂMACO: A caixa dos três penachos traz aqui.

DICEÓPOLIS: E pra mim dá um pratim de carne das lebres.

LÂMACO: Mas será que as traças comeram meus penachos?

DICEÓPOLIS: Mas será que antes da janta vô comé esta lebraiada?

LÂMACO: Ó homem, queres parar de falar comigo?

DICEÓPOLIS: N' é contigo; eu e o rapaz aqui discutimo faz é tempo.

Tu qué apostá, e o Lâmaco vai servir de juiz,

Se é mais gostoso os gafanhoto ou os tordo?

LÂMACO: Como tu és cara-de-pau!

DICEÓPOLIS: Ele acha mió os gafanhoto e muito.

LÂMACO: Rapaz, rapaz, bota abaixo a lança e me traz aqui fora.

DICEÓPOLIS: Rapaz, rapaz, tira aí o chouriço e traz aqui.

LÂMACO: Vamos lá, vou retirar a lança da bainha.

Pega aí, segura firme, rapaz!

DICEÓPOLIS: E tu, rapaz, segura firme daí.

LÂMACO: Os cavaletes traz aí, rapaz, do meu escudo.

DICEÓPOLIS: E do meu aqui traz aí os pão grosso.

LÂMACO: Traz aqui o aro do escudo, o da górgona.

DICEÓPOLIS: E pra mim dá aqui o aro da torta, a de queijo.

LÂMACO: Essa não é uma piadinha salgada para os homens!

DICEÓPOLIS: Essa num é uma torta doce pr'os home?

LÂMACO: Despeja aí, rapaz, o azeite. No bronze
 Vejo um velho que por covardia será perseguido.
 DICEÓPOLIS: Despeja aí o mel. E aqui é visive um veio
 Mandando chorá o Lâmaco, o Gorgáseo.
 LÂMACO: Traz aqui, rapaz, uma couraça de guerra.
 DICEÓPOLIS: Tira aí, rapaz, uma couraça pra mim também, o cõn-
 gio.
 LÂMACO: Nela para os inimigos vou me encourçar.
 DICEÓPOLIS: Nela pr'os conviva vou me encourçá.
 LÂMACO: As mantas, ó rapaz, prende aí no escudo.
 DICEÓPOLIS: A janta, ó rapaz, prende aí no cesto.
 LÂMACO: E eu pra mim vou pegar e levar o alforge.
 DICEÓPOLIS: E eu vô pegá os meu manto e vô embora.
 LÂMACO: O escudo levanta aí e começa a andar, ó rapaz.
 Tá nevando. Valha me Deus! É tempo de tempestade.
 DICEÓPOLIS: Pega aí a janta. É tempo de banquete²⁷¹.

Saindo vencedor do concurso de bebedeira²⁷², Diceópolis volta feliz embriagado apoiado por duas belas cortesãs, enquanto Lâmaco volta ferido nos braços de dois soldados. Lâmaco se lamenta de forma trágica pedindo uma cama e um médico, enquanto Diceópolis pede uma cama para o sexo com suas cortesãs, numa substituição da dor da guerra pelo prazer da paz.

SERVO: Ó escravos da casa de Lâmaco,
 Água, água numa panelinha aqueçam.
 Um pedacinho de pano e cera preparem,
 Lãs gordas, uma tira ao redor do calcanhar.
 O homem foi ferido por uma estaca saltando um fosso.
 E o calcanhar torcido destruiu,
 E a cabeça quebrou numa pedra caindo
 E despertou a górgona do escudo.
 Tendo a pluma grande de fanfarrão caída
 Diante das pedras, uma terrível canção cantava:
 “Ó gloriosa visão, agora é a última vez que te vejo

271 *Acarnenses*, v. 1069-1142.

272A Festa dos Cõngios era o segundo dia das Antestérias, a festa mais tradicional de Dioniso em Atenas. Acontecia no mês de fevereiro. Cõngio era uma espécie de caneca para o concurso de bebedeira. Quem primeiro esvaziasse seu cõngio ganhava como prêmio um odre de vinho.

Deixo a minha luz; não mais sou eu!”
Tanto falou que num riacho caiu
Levanta-se e encontra uns fugitivos
Uns ladrões expulsa e os empurra com uma espada.
E ei-lo aqui. Mas abre a porta!
LÂMACO: Ai, ai! Ai, ai!
Horríveis e terríveis padecimentos! Infeliz que eu sou!
Morro ferido por uma lança inimiga.
Mas isso se tornaria deplorável,
Se Diceópolis me visse ferido
E aí risse dos meus azares.
DICEÓPOLIS: Ai, ai! Ai, ai!
Que tetas, são durinha como marmelo.
Beijem aqui eu cum carinho, meus tesouro,
Um beijo lascivo de língua de boca aberta ...
Pois o cônio fui o primeiro a esvaziá.
LÂMACO: Ó desgraça, infeliz dos meus males!
LÂMACO: Ai ai que feridas dolorosas!
DICEÓPOLIS: Hei, hei! Viva, Lamacavalinho!
LÂMACO: Deplorável! Miserável eu sou!
DICEÓPOLIS: Por que tu me beija? Por que tu me morde?
LÂMACO: Infeliz eu sou, que pesado combate!
DICEÓPOLIS: Nas festas dos Cônios alguém fazia combate?
LÂMACO: Ai, Péan! Péan!
DICEÓPOLIS: Mas hoje não tem Peônia.
LÂMACO: Peguem-me, peguem-me pela perna, ai, ai!
Peguem-me ainda, ó amigos!
DICEÓPOLIS: De mim vocês duas o pau no mei
Pegue ainda, ó amigas!
LÂMACO: Tenho enjoo tendo batido a cabeça numa pedra
E a minha vista escurece pra cair.
DICEÓPOLIS: E eu quero me deitá tando cum tesão
E a minha vista escurece pra trepá.
LÂMACO: Para fora me levem pr’as artes de Pítalo,
Em mãos curadoras.
DICEÓPOLIS: Pr’os juízes me levem. Onde é que tá o rei?
Dá aqui o odre.
LÂMACO: Uma lança atravessou-me os ossos, que lamentável!

DICEÓPOLIS: Oia aqui este tá vazio. Viva! Glorioso vencedô !²⁷³

Concluimos que o riso de Diceópolis é o reconhecimento da superioridade da justiça da paz sobre a injustiça da guerra, tornada inofensiva para ele através dos poderes do deus do vinho e do teatro: Dioniso.

²⁷³ *Acarnenses* v. 1173-1228.